

GUIA CULTURAL DO RIO DE JANEIRO

ANO 3 - Nº 11 - CÂMARA DE CULTURA

COSTA VERDE

ITAGUAÍ

Paraíso das
águas cristalinas

MANGARATIBA

A beleza das
ilhas tropicais

RIO CLARO

Riqueza na rota
do ouro verde

PARATY

Uma cidade
parada no tempo

ANGRA DOS REIS

Lazer entre o sol e o mar



Um Município forte é construído com escolas e creches



A Prefeitura de Itaguaí, através da Secretaria Municipal de Educação e Cultura está em permanente estágio de evolução, sempre, um passo à frente dos acontecimentos Educacionais, trabalhando simultaneamente em várias frentes relacionadas ao grau de ensino adotado, com o franco objetivo de fazer da Educação da cidade uma referência em todo o Estado do Rio de Janeiro.

E depois de adotada uma série de transformações, que passaram pela esfera Socioeducacional, realizada com muito critério por uma equipe formada por sua grande credibilidade adquirida no trato com as questões educacionais do Município, começa a colher os primeiros frutos da implantação de um excelente sistema de ensino voltado para a valorização do Magistério com a interação de toda a Rede Municipal de Ensino, começando no Gabinete da Secretária de Educação e Cultura, Andréia Bussato, e passando por todos os demais departamentos ligados à Educação que é feita hoje no Município, até chegar à outra ponta desta corrente, formada por elos resistentes, que é o aluno de todos os níveis de Itaguaí. A mola mestre responsável em colocar em movimento toda esta maravilhosa engrenagem, que faz da Educação de Itaguaí, o carro chefe do Governo Charlinho.



investimentos na área de educação transformam o perfil do ensino de Itaguaí



Nesta ano de 2009, os investimentos prosseguiram a exemplo dos anos anteriores, com diversas ações, dirigidas tanto para a ampliação e melhoria da rede física quanto para a capacitação dos seus diferentes grupos de profissionais.

O significativo aumento da demanda pela matrícula na rede municipal de ensino (a população do Município continua crescendo de forma surpreendente) tem exigido um esforço da Prefeitura na construção e ampliação de unidades escolares para acolher os alunos do Ensino Fundamental e da Educação Infantil, assim como os de Creches.

No que se refere à rede física, a Prefeitura continuou seu banho de inaugurações de novas unidades escolares e está para inaugurar outras mais: oferecendo condições de ensino de qualidade, abrigando os alunos em bases educacionais erguidas próximas às suas residências, sem distinção por este ou aquele bairro, no melhor estilo Social. Todos as regiões da cidade estão igualmente sendo contempladas com modernas instalações de Ensino.

Já os prédios antigos e inadequados foram, aos poucos, sendo substituídos por novas instalações que já estão operando normalmente com sua capacidade máxima.

Além dos novos prédios, numa primeira etapa, foram construídas salas de aula para maior atendimento em diversas Escolas da Rede, que ganharam ampla reforma de ampliação e remodelação total.

Como se vê, a Prefeitura Municipal de Itaguaí continua desenvolvendo, com entusiasmo sempre renovado, o processo iniciado em 2005, para alcançar a meta da oferta de uma Escola de Excelência para Todos os seus Municípios.

Educação vive nova fase neste governo



Estrategicamente localizada ao sul do litoral do Rio de Janeiro, a Costa Verde, que inclui os municípios de Mangaratiba, Itaguaí, Rio Claro, Paraty e Angra dos Reis, possui uma das mais belas paisagens da costa brasileira.

Centenas de ilhas paradisíacas, cercadas por um indescritível mar azul e emolduradas pela intocada Mata Atlântica, compõem este cenário propício para o lazer e o ecoturismo.

Cada município tem sua característica própria. Mangaratiba, com seus cinco distritos, Itacuruçá, Muriqui, Conceição de Jacareí, Serra do Piloto e Praia Grande, destaca-se pelas centenas de praias de águas transparentes, ideais para o banho e a pesca.

Itaguaí é famosa por causa da baía de Sepetiba, cercada pela Mata Atlântica ainda intocada e por áreas de manguezais, criadouro natural para as diversas espécies de moluscos, crustáceos e peixes. A cidade sedia o mais novo porto do estado, que trouxe grande desenvolvimento para a região da Costa Verde, a começar pela construção de rodovias. Itaguaí também é berço de grandes nomes da história brasileira, como Quintino Bocaiuva e Bidu Sayão.

Paraty é umas das cidades coloniais mais bem preservadas do Brasil. Tombada pelo Patrimônio Histórico e Cultural, possui um grande acervo de arte sacra em suas igrejas centenárias e monumentos remanescentes do período do ouro. Mais de trezentos anos de história são contados em suas ruas, ancoradouros e praias.

O café fez a riqueza de Rio Claro, que experimentou momentos de opulência e destaque no cenário nacional. A herança pode ser vista nas diversas mansões dos barões do ouro verde. A cidade histórica de

São João Marcos e a represa de Ribeirão das Lajes são pontos turísticos da região.

O município de Angra dos Reis é um dos mais antigos do país. Suas águas, que já foram repletas de piratas, ainda preservam a beleza da época do descobrimento. A variedade da fauna e flora marinha é um convite para os esportes subaquáticos. Dezenas de cachoeiras de águas cristalinas e a floresta nativa são indicadas ao ecoturismo.

As belezas naturais da Costa Verde, aliadas ao grande acervo histórico das cidades da região, fazem do lugar um verdadeiro paraíso para turistas do mundo inteiro.

Rosângela Vianna

ÍNDICE

5 – Itaguaí

12 – Mangaratiba

16 – Rio Claro

18 – Paraty

20 – Angra dos Reis

23 – Corredor Cultural

O Guia Cultural do Rio de Janeiro é uma publicação da Câmara de Cultura



Câmara de Cultura
Tel: (21) 2487-4128
cultura@camaradecultura.org
www.camaradecultura.org

O Guia Cultural do Rio de Janeiro não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em matérias e artigos assinados.

Regina Lima
Diretora Executiva
Marta Souza Lima
Diretora Adjunta
Rosângela Vianna
Jornalista e Editora
Mariana Simões
Revisora

Moacir Costa
Designer
Foto de Capa
Divulgação Turismo
Tiragem: 20.000 exemplares



Arquivo Prefeitura de Itaguaí

Busto do barão de Teffé

Encontro do passado com o futuro

Cercada de florestas tropicais e cachoeiras de águas cristalinas, Itaguaí é conhecida por seu acervo histórico, do século XVIII, e por possuir um dos portos mais modernos do Rio de Janeiro.

POVOAMENTO

Alguns dizem que o nome do município teve origem no tupi, a partir de *ita* (pedra) e *guay* (lago), formando a palavra *itaguay*, ou lago entre pedras. Outros acreditam que resulte de *tagoahy*, água amarela. Esta é a versão mais aceita, pois o antigo assentamento de jesuítas na região era chamado de Taguay porque a fonte de água local possuía uma cor amarelada.



Arquivo Prefeitura de Itaguaí

Em meados do século XVII, a migração dos índios da ilha de Jaguanun para a de Itacuruçá deu início ao desbravamento do território, com o incentivo do governo de Martim de Sá para que fosse criado um entreposto comercial na região. Após alguns anos, os colonos resolveram sair da ilha e passaram a habitar as terras do continente, fixando um aldeamento ainda marcado por conflitos com os índios y-tingas. Os jesuítas resolveram se mudar para a fazenda Santa Cruz, para aproveitar a proximidade com o mar. Os colonos fundaram, então, a vila de Itaguaí, que se tornou passagem obrigatória dos viajantes que iam para São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Havia na região um índio y-tinga criado pelos colonos, chamado José Pires Tavares.

Busto do barão de Teffé e vista geral do porto da cidade



Arquivo Prefeitura de Itaguaí

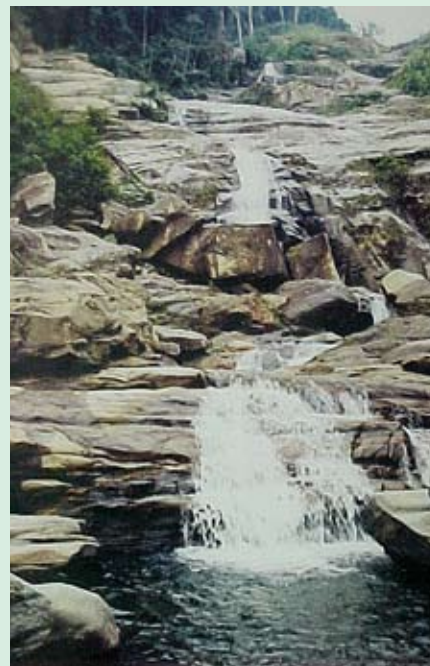


Arquivo Prefeitura de Itaguaí

Cachoeira da Mazomba e Cachoeira de Itingussú

Idealista, o rapaz sempre sonhou em defender os direitos de sua tribo. Estudou e, ao completar 30 anos, empreendeu uma demorada viagem a Portugal para ser recebido no paço imperial pela rainha d. Maria I. O índio buscava conseguir da Coroa portuguesa uma carta que garantisse proteção e sobrevivência à sua aldeia. Indignados

com os ideais do índio, os colonos resolveram agir rápido e, assim que ele viajou, atacaram a aldeia, matando homens, mulheres e crianças. Os poucos sobreviventes tiveram um triste destino. Amarrados, foram colocados num barco furado e lançados em mar aberto, onde morreram afogados. Ao regressar de Portugal com a carta de pro-



Arquivo Prefeitura de Itaguaí

teção, o índio y-tinga não pôde mais fazer nada para salvar sua tribo, pois ela já havia desaparecido.

Em 1718, iniciou-se a construção da igreja de São Francisco Xavier, concluída somente em 1729 e hoje a matriz da cidade. Em volta desta igreja, o povoamento se desenvolveu e tornou-se importante. Mas um acontecimento



A ilha do Martins,
com a Mata Atlântica
ainda intocada

Arquivo Prefeitura de Itaguaí



Itaguaí é conhecida por suas cachoeiras. Com diversas fontes de águas cristalinas, possui várias quedas com até 50 metros de altura que formam duchas e piscinas naturais

causaria grande impacto no crescimento da localidade. Em 1755, o marquês de Pombal ordenou que os jesuítas abandonassem a região. A escola dirigida pelos padres foi fechada e muitas outras atividades ficaram comprometidas.



Decore com criatividade e bom gosto.

Seja protagonista das transformações dos seus ambientes.
Misture cores, formas e poemas para estampar em sua parede a sua personalidade.
As combinações e possibilidades são infinitas.

www.arpadigital.com.br
(21) 2780-3439 - 8758-4816
loja@arpadigital.com.br



**Catedral
Metropolitana
do município**



Igreja de São
Benedito



Arquivo Prefeitura de Itaguaí

Mesmo assim, Itaguaí sobreviveu aos problemas, e as plantações de cana-de-açúcar foram surgindo e aquecendo a economia rural. O assentamento foi elevado à categoria de paróquia em 1795, ganhando novo impulso na região.

DESENVOLVIMENTO

Em 5 de julho de 1818, foi oficialmente consagrada vila de São Francisco Xavier de Itaguaí, cujo território compreendia as freguesias de Itaguaí, de Marapicu e de Mangaratiba, o Rio Guandu e todo o Ribeirão das Lajes. A vila foi então desmembrada do termo da cidade do Rio de Janeiro e da vila de Angra dos Reis. E Santa Cruz, que pertenceu a Itaguaí até 1833, foi desligada desta cidade e incorporada ao município do Rio.

Ponto estratégico e caminho de viajantes entre Rio, São Paulo e Minas Gerais, a vila prosperou rapidamente com o passar dos anos. Um canal foi construído especialmente para embarcar mercadorias e produtos para o Rio de Janeiro, o que favoreceu o comércio na região. Em 1836, o canal foi alargado para aumentar o fluxo de embarcações. Remanescente do período próspero, ele existe até hoje e fica ao lado da estação ferroviária.

A Independência do Brasil representou um grande incentivo para Itaguaí. A agricultura

da região tornou-se diversificada com a produção de milho, quiabo, goiaba, laranja e banana. Mas uma atividade inusitada iria colocar o município em uma posição de destaque no país: a criação de bicho-da-seda. Em 1844, foi fundada a Seropédica, a primeira fábrica de tecidos de seda do Brasil. Em 1875, chegou a produzir cerca de 50 mil casulos por dia. Com o nome derivado do termo *sericultura* – criação de bicho-da-seda, a localidade cresceu muito, transformando-se, inclusive, em distrito de Itaguaí, durante muitos anos, e emancipando-se em 1996.

DECADÊNCIA

A abolição da escravidão provocou uma grave crise econômica no município. Os negros libertos resolveram tentar a vida nos grandes centros urbanos e largaram o trabalho nas fazendas. Por falta de mão de obra, as grandes plantações desapareceram. Os proprietários abandonaram suas terras e partiram sem destino. Muitos rios secaram e os remanescentes da região sofreram com a malária, que reduziria ainda mais a população.

Mesmo com a inauguração da estação ferroviária, em 1910, o problema não foi resolvido. Os viajantes fechavam as janelas dos trens ao passar por Itaguaí, com medo de contrair malária, que ainda atingia os habitantes do local.



NOVO RUMO

Após décadas de atraso socioeconômico, Itaguaí recebeu um incentivo. Em 1938, aproveitando a antiga fábrica de seda de Seropédica, teve início a construção da Universidade Rural do Rio de Janeiro. Com o aumento do movimento no local, o município começou a retomar seu crescimento.

A mão de obra escrava fora gradualmente substituída por trabalhadores estrangeiros, principalmente japoneses, que chegaram à região por volta de 1939. Estes imigrantes, vindos de São Paulo, trouxeram

suas técnicas de agricultura e incentivaram a produção na região. Itaguaí possui hoje uma das maiores colônias japonesas do estado do Rio.

Nos anos 60 e 70, a cidade começou a se industrializar, com a instalação de grandes fábricas, como a Ingá Mercantil (zinco) e a Nuclep (material termonuclear), e de outras empresas no distrito industrial de Santa Cruz.

A Usina de Itaguaí foi inaugurada em 1976, criando um grande pólo de empregos na região, e, em 1987, teve início o

Programa Nacional de Petroquímica. Atualmente, está sendo elaborado um projeto de modernização do porto de Itaguaí, com o objetivo de transformá-lo no mais moderno da América Latina.

CULTURA

Há muitas histórias sobre Itaguaí. Uma delas conta a que a cidade era tão conhecida entre os viajantes, que o imperador d. Pedro I pernoitou ali em 1822, quando se dirigia a São Paulo para proclamar a Independência do Brasil. No município também



Casa de Quintino
Bocaiúva e o
relógio de sol,
reliquia da cidade

A cidade é famosa por ter sido citada por Machado de Assis em *O alienista*. Marco da literatura brasileira, o livro conta a história do doutor Simão Bacamarte, um nobre filho de Itaguaí. Médico, ele usa métodos pouco convencionais para tratar pessoas com problemas de insanidade e aprisiona quase a cidade inteira num manicômio.

TURISMO

Um dos principais pontos turísticos da região é a baía de Sepetiba, que se estende por três municípios: Rio de Janeiro, de Guaratiba ao porto de Sepetiba; Itaguaí, do porto a Coroa Grande; e Mangaratiba. Cercada pela Mata Atlântica, possui áreas de manguezal, sendo um criadouro natural para as diversas espécies de moluscos, crustáceos e peixes, que representam uma atividade econômica importante. O turista pode visitar as ilhas da Madeira, Martins e Jaguanum, e parte da ilha de Itacuruçá.

Repleta de fontes de águas cristalinas, Itaguaí também é conhecida por suas cachoeiras. Chamada de Poço da Sereia, a cachoeira do Itingussú fica na divisa de Itaguaí e Mangaratiba. Possui várias quedas com até 50 metros que formam duchas e piscinas naturais. A cachoeira do Bicão é uma represa com 3 metros altura em salto único, muito procurada pelos visitantes. Já a cachoeira Itimirim que fica próxima da rodovia BR-101, possui saltos com 50 metros de altura e deságua em piscinas naturais.

ÁREA: 271.563 km²

POPULAÇÃO: 100 mil habitantes

ANIVERSÁRIO DA CIDADE: 5 de julho

MUNICÍPIOS LIMÍTROFES: Mangaratiba, Rio Claro, Pirai, Paracambi, Seropédica e Rio de Janeiro

PRINCIPAL RIO: Itaguaí

ATIVIDADES ECONÔMICAS: agropecuária, pesca, operações portuárias, indústria e comércio

PADROEIRO: São Francisco Xavier

GENTÍLICO: itaguaiense

nasceram personagens ilustres da história do Brasil, como Quintino Bocaiúva (1836), jornalista e político, o barão de Teffé (1837), militar e geógrafo, e Bidu Sayão (1902), cantora lírica.

Os tempos áureos trouxeram a biblioteca de Itaguaí. Criada em 1880 e uma das mais antigas do Brasil, chegou a possuir um acervo de mais de 2.500 livros, muitos deles doados por d. Pedro II. Naquele ano, foi inaugurado o serviço de transporte com tração animal, que fazia a ligação entre Itaguaí e Santa Cruz.

A história da criação do município remonta ao século XVI, mais precisamente ao ano de 1534, época da doação das capitânias hereditárias. Mangaratiba fazia parte da capitania de Santo Amaro.

Os primeiros colonizadores da região viviam em constante disputa com os índios tamoios. As aldeias eram bem-organizadas, as terras cultivadas e os bosques proviam farta caça.

A região passou a despertar mais interesse por volta de 1620, quando Martim de Sá, o novo donatário da capitania, iniciou o povoamento, trazendo índios tupiniquins catequizados e padres jesuítas para criar aldeamentos na ilha de Marambaia.

Como o pequeno núcleo sofria, constantemente, fortes inundações e estava sujeito às mudanças climáticas da região, a população se reuniu e resolveu transferir o povoado para a área de um antigo cemitério. Em 1688, construiu-se uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Guia, que, em 1795, foi substituída pela igreja que permanece no local.

A NOVA VILA

De 1764 a 1818, a região pertencia ao município de Angra dos Reis, passando depois para o de Itaguaí. Apesar das batalhas constantes com os índios tamoios, os novos habitantes do povoado de Mangaratiba conseguiram prosperar e conquistar sua independência administrativa em 11 novembro de 1831, quando foi elevado à categoria de vila com o nome de Nossa Senhora da Guia de Mangaratiba.

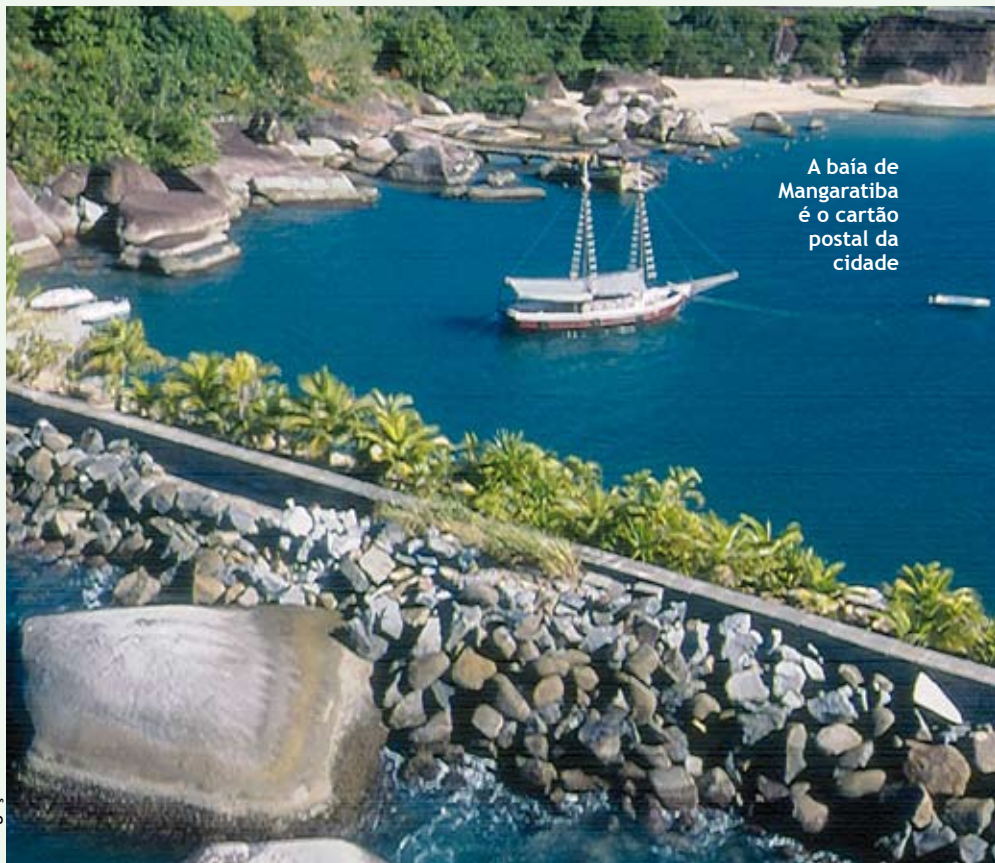
Em 1892, pela lei estadual nº 36, de 17 de dezembro, emancipou-se de Itaguaí, e a construção de uma via unindo Mangaratiba à Serra do Mar impulsionou o desenvolvimento do município.

O CICLO DO CAFÉ

O povoado foi se desenvolvendo, mas foi somente com o Ciclo do Café no Vale do Paraíba que a região experimentou uma grande expansão. A cidade tornou-se um local de exportação do produto, bem como de outras mercadorias, sobretudo pelo porto.

Com o aumento da produção, seria aberta a primeira estrada de rodagem do país, ligando Mangaratiba a Rio Claro via Serra do Mar. O próprio imperador d. Pedro II ordenou a construção, em 1857, por isso passou a ser conhecida como Estrada Imperial. A passagem foi de grande importância para o comércio de produtos não só do Rio de Janeiro, mas também de São Paulo e Minas Gerais.

Joia da Costa Verde



A baía de Mangaratiba é o cartão postal da cidade

Divulgação Turismo

Mangaratiba enriqueceu com os lucros que o café proporcionava. Grandes produtores se fixaram no lugar. Casarões foram surgindo, igrejas e prédios foram erguidos. Na velha Estrada Imperial há ruínas de velhos casarões, pontes romanas, bebedouros e cachoeiras intocadas.

O COMÉRCIO

O tráfico de escravos foi, durante longo período, uma das principais atividades econômicas de Mangaratiba.

Os navios desembarcavam em Sahy e Marambaia. Dali os escravos eram levados para o Rio de Janeiro e outras cidades por uma trilha que cortava a Serra do Mar.

O comércio de ouro nas águas da baía atraíam navios piratas, que pilhavam a região. A cidade passou a construir fortificações para impedir os ataques, e uma delas, a Fortaleza de Nossa Senhora da Guia, existe até hoje.

GABIROL GRILL

A melhor comida de Muriqui!

QUALIDADE E VARIEDADE SÃO OS NOSSOS COMPROMISSOS COM O CLIENTE.

EXPERIMENTE AS DELÍCIAS DO NOSSO CARDÁPIO!

COMIDA A QUILO, DAS 11H30MIN ÀS 16 H. À NOITE, SERVIÇO À LA CARTE.

MÚSICA AO VIVO TODAS AS SEXTAS E SÁBADOS.

PRAÇA JOÃO BONDIM, 86 – MURIQUI – RJ – TEL.: 2780 - 2419

O porto de Mangaratiba tornou-se próspero e era uma das rotas de comércio importantes do país. Chegavam da Europa e outros continentes embarcações repletas de artigos de luxo, encaminhados para a Corte, no Rio de Janeiro, e outras cidades importantes na época.

PERÍODO DE RIQUEZA

Figura de renome na história, o comendador Joaquim José de Souza Breves foi um dos mais ricos fazendeiros de Mangaratiba. Sua fortuna era imensa. Possuía 20 fazendas que na época eram responsáveis por 1% da produção de café do país. O comendador também detinha o monopólio de armazéns espalhados pelas ilhas e sua mão de obra era formada por mais de 6 mil escravos.

O tenente-coronel Luiz Fernandes Monteiro, barão do Sahy, foi outro fidalgo que se destacou em Mangaratiba. Proprietário das fazendas Batatal e Praia Grande, era muito rico e, no período áureo da região, construiu um solar no Largo da Matriz, que o Instituto Estadual de Patrimônio Cultural denominou Solar do Barão do Sahy.

MUDANÇAS RADICAIS

Mangaratiba experimentou um período de decadência. Dois fatores foram decisivos: a inauguração, em 1870, da Estrada de Ferro D. Pedro II, que, ao ligar o Rio de Janeiro a São Paulo, tornou-se responsável pelo escoamento da produção de café do Vale do Paraíba para a capital do Império e a proibição do tráfico de escravos e a abolição. Como os cafeicultores já não podiam utilizar a mão de obra escrava, muitas fazendas foram à falência.

A situação tornou-se tão grave, que o município de Mangaratiba foi extinto em 8 de maio de 1892, mas restabelecido em 17 de dezembro daquele ano.

Um êxodo em massa levou à falência de muitos negócios. Os portos de Mangaratiba e do Sahy ficaram desertos. A grave situação econômica persistiu até 1914, quando foi concluído o ramal da Estrada de Ferro Central do Brasil, que integrou o município ao sistema ferroviário do Rio de Janeiro.

A FASE ATUAL

A exportação de bananas traria investidores e empregos na lavoura. Em paralelo, os moradores do Rio de Janeiro descobririam Mangaratiba como local de veraneio e passaram a construir belas residências próximo aos núcleos urbanos.

Em 1942, foram aceitos loteamentos na orla marítima, como em Muriqui, Praia do Saco e Itacuruçá, fazendo da região um grande ponto turístico.

A rodovia Rio-Santos, nos anos 70, ajudou a valorizar ainda mais as cidades costeiras. Surgiram diversas atividades ligadas ao turismo, que se tornou essencial para a economia do município.

TURISMO

Situada entre o mar e a montanha, Mangaratiba possui cerca de 100 praias de águas transparentes, dezenas de ilhas e um mar inconfundível.

Fazem parte do município cinco distritos: Itacuruçá, Muriqui, Praia Grande, Conceição de Jacaré e Serra do Piloto, todos com inúmeros atrativos.

CONCEIÇÃO DE JACARÉ

O segundo distrito de Mangaratiba faz limite com Angra dos Reis. A praia de mesmo nome possui cerca de 400 metros de extensão, ornada de coqueiros e amendoeiras, com areias brancas e águas cristalinas.

O antigo vilarejo de pescadores orgulha-se da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do lugar. A meio quilômetro do centro de Conceição de Jacaré, o visitante pode aproveitar a água gelada de uma cachoeira com 8 m de altura.

Fundada em 1652, Conceição de Jacaré tornou-se cidade em 3 de abril de 1849 e acaba de completar 357 anos de existência.

ITACURUÇÁ

O nome da cidade é formado por dois termos indígenas: *ita* (pedra) e *curuçá* (cruz). A tradução seria, então, cruz de pedra.

O distrito é um lugar propício para férias e recebe famílias do Rio de Janeiro e outros estados. Ao longo dos anos, mansões foram sendo construídas, bem como hotéis de luxo, com todo o conforto e lazer que a região pode oferecer.

A ilha de Itacuruçá é cercada por 26 praias de águas transparentes, com rica fauna marinha. A infraestrutura hoteleira de qualidade atende aos gostos mais exigentes e oferece programas imperdíveis em barcos e saveiros. Itacuruçá é um dos paraísos tropicais do Rio de Janeiro. Vale a pena visitar Praia Grande, Águas Lindas, Praia Cabeça de Boi e Praia das Flexeiras.

MURIQUI

O quarto distrito de Mangaratiba recebeu esse nome por causa da grande quantidade de macacos muriquis que habitavam suas florestas. A espécie está em extinção, mas recebe atenção especial dos governantes locais.

Muriqui é o mais jovem distrito de Mangaratiba,

e foi criado em 1º de dezembro de 1949, embora o povoado exista há mais de 80 anos.

A praia de Muriqui, com cerca de 1 km de extensão, é adequada para o banho de mar e os esportes náuticos. No centro histórico da cidade, é possível visitar a Igreja de Nossa Senhora das Graças e praças bem preservadas, em um clima ameno e agradável.

A cidade dispõe de várias pousadas, mas se preferir alugar um imóvel para curtir a temporada de verão, o turista pode contar com a ajuda de corretores e imobiliárias. A mais antiga e requisitada é a **Souza Lima Imóveis**, especializada em venda e aluguel.

A praça Marcelino Pinto Soares, carinhosamente chamada pela população de Praça dos Skates, é uma atração na cidade. Inaugurada em 21 de abril de 1973, foi reurbanizada na primeira administração do prefeito Aarão Moura Brito Neto e reinaugurada em 4 de março de 2007 pelo governador Sérgio Cabral.

A programação noturna é bem variada. Às sextas e sábados, o visitante encontra no melhor restaurante de Muriqui, o **Gabirol**, música ao vivo para curtir e dançar até a madrugada.

SERRA DO PILOTO

De grande importância no crescimento de Mangaratiba, durante o século XIX era um grande entreposto comercial de escravos e o principal ponto de escoamento da produção cafeeira do Vale do Paraíba.

Homens e mão de obra eram transportados pela Serra do Piloto, descendo pela antiga Estrada Imperial, construída em 1856. Ainda hoje é possível percorrer os 40 quilômetros da estrada, que oferece uma belíssima vista da baía de Mangaratiba.

A Serra do Piloto possui um clima agradável e cachoeiras de águas límpidas. A mais famosa é a Cachoeira dos Escravos. A beleza da floresta nativa convida o visitante a desfrutar comidas típicas e frutos do mar.

PRAIA GRANDE

Este é o sexto distrito de Mangaratiba, com extensão de 1 km e uma praia de areias claras e águas mansas, cercada pela exuberante vegetação nativa. Sol, mar e montanha são os ingredientes que se misturam na medida certa para conquistar todos os tipos de turistas.

A linha férrea separa o litoral da área urbana, onde ficam as residências de veraneio e o centro da cidade, bastante tranquilo, ideal para quem pretende descansar. Pousadas e hotéis de ótima qualidade acolhem os visitantes na região.



VENDE - COMPRA - TROCA - ADMINISTRA - AVALIA

ADMINISTRAÇÃO: HELIO LIMA

AV. BEIRA MAR, 722 - LOJA 6 - MURIQUI - RJ

TELS: 2780.1486 - 2780.2384 - 9995.5348

**UMA HIDRELÉTRICA
TEM QUE CONVIVER
EM HARMONIA
COM TUDO QUE
ESTÁ À SUA VOLTA.**

Foto aérea da hidrelétrica de Tucuruí,
Pará, a maior hidrelétrica 100% brasileira.



AQUI NESTE ANÚNCIO E NO MEIO AMBIENTE.

Por um lado, a Eletrobrás gera cada vez mais desenvolvimento para o Brasil.

Por outro, cada vez menos impacto para a natureza.

Além de energia, a Eletrobrás faz questão de gerar um futuro melhor. Os projetos dos complexos de Tapajós e de Belo Monte são provas disso. Afinal, estamos falando de construções desenvolvidas para causar o mínimo de impacto ambiental.

Em Tapajós, por exemplo, está prevista a preservação de uma área verde do tamanho da Suíça, da Bélgica, da Dinamarca e da Holanda juntas. Não é à toa que todo mundo percebe os investimentos da Eletrobrás. Menos a natureza.



Ministério de
Minas e Energia



Herança de opulência e beleza

Divulgação Turismo

Recanto de belas cachoeiras e rios cristalinos, montanhas e floresta intocada, Rio Claro é hoje um refúgio ecológico no Rio de Janeiro. A cidade, com seus prédios centenários, retrata períodos de riqueza e opulência.

DESBRAVAMENTO

Os bandeirantes paulistas foram os primeiros a chegar à região no século XVIII, à procura de novos caminhos para escoamento do ouro de Minas Gerais até o Rio de Janeiro. A rota escolhida seguia o curso do rio Paraíba, por meio das serras que fazem fronteira com Minas. Os índios puris, ou coroados, habitantes do lugar, ofereceram resistência aos colonizadores, travando sangrentas batalhas para impedi-los de entrar em seu território.

Mesmo assim, surgiram diversos povoadamentos com estrutura no meio da selva — estalagens para pouso dos viajantes, sítios, roças e aglomerados urbanos com comércio e casas familiares.

Por volta de 1733, o colono português João Machado Pereira, atraído pelo clima e terra fértil da região, estabeleceu uma grande fazenda no local. Seis anos mais tarde, mandou construir uma capela em homenagem a São João Marcos. Logo surgiu ali o povoado de mesmo nome, que se tornou freguesia em 1755.

Outros povoadamentos foram surgindo com o movimento dos tropeiros. O arraial de Rio Claro foi um dos mais prósperos e desenvolvidos. Economi-

camente estável, foi logo elevado à categoria de freguesia, em 1839. Em 19 de maio de 1849, seria oficialmente criado o município de Rio Claro, que agora completa 160 anos.

TEMPOS ÁUREOS

O município teve seu crescimento econômico graças a um produto de grande importância para a região: o café. Logo no início, foi plantado na província do Rio de Janeiro, sobretudo em Resende, Vassouras, Barra Mansa, São João Marcos e Passa Três. Com o passar do tempo, as lavouras foram sendo introduzidas no Vale do Paraíba, até chegar ao município de Rio Claro. O café passou de produção doméstica em 1760 para exportação de larga escala já em 1835.

O chamado ouro negro mudou de vez a realidade dos habitantes de Rio Claro. A produção de café passou a cobrir grandes extensões de terra e usava o trabalho escravo. Muitos enriqueceram da noite para o dia, adquirindo fazendas e construindo mansões. Uma das figuras mais destacadas é a do comendador Breves, um dos quatro maiores exportadores de café do Brasil. A produção de José Joaquim de Souza Breves ultrapassava 150 mil arrobas por ano e era transportada através do porto de Mangaratiba. Muito rico, este barão do café chegou a possuir mais de 30 fazendas na região e orgulhava-se de ter 6 mil escravos trabalhando em suas propriedades. Próximo à represa do Ri-

beirão das Lajes, ainda é possível visitar as ruínas da fazenda da Olaria, uma das mais produtivas na época e de propriedade do comendador.

DECLÍNIO

A riqueza de José Joaquim de Souza Breves se baseava na cafeicultura e na mão de obra escrava. Como tinha forte influência junto ao governo, não acreditava que a abolição pudesse acontecer e continuava contrabandeando escravos dias antes de a Lei Áurea ser assinada, em 13 de maio de 1888. A abolição provocou a partida de um grande número de negros em busca de mudança de vida.

O comendador morreu em 1889, deixando herança e complicações para a família. Os descendentes, não tendo como manter as fazendas sem trabalhadores, venderam as terras e abandonaram as plantações. Era o fim de um ciclo de riquezas e opulência. Cidades como Rio Claro e São João Marcos sofreram uma grande queda em todos os setores.

Instaurou-se uma grande decadência econômica em toda a região no final do século XIX. A falta de mão de obra, a queda do preço do café no mercado internacional, além do esgotamento do solo, fizeram com que a produção caísse gradativamente. O noroeste fluminense substituiu o Vale do Paraíba na produção de café e a pecuária assume lugar de destaque, assim como a horticultura. Rio Claro torna-se independente de São João Marcos



Divulgação Turismo

A vegetação nativa e as cachoeiras de águas cristalinas são atrativos do município

e, a partir de 1830, alcança a condição de curato junto às autoridades. Em 1849, é elevado à categoria de município, fazendo parte da comarca de Resende. O território se estendia até Santo Antônio de Capivary.

Após a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, Rio Claro voltaria a pertencer a São João Marcos. No entanto, um mês depois, a lei seria revogada, e a autonomia do município, restituída. A Nova República não mudou a situação econômica da região, que ainda sofria sérios problemas e continuava baseada na monocultura. A inauguração da ferrovia mudou um pouco esse quadro no início do século XX. A ligação Barra Mansa-Angra dos Reis favoreceu o município, pois havia um grande tráfego de mercadorias pela região. Rio Claro, Lídice e Getulândia eram estações de parada obrigatória.



Divulgação Turismo

Ruínas da cidade de São João Marcos, que foi abandonada na década de 30



Divulgação Turismo

A estação ferroviária é inaugurada no início do século XX

MUDANÇAS

Em 1929, Rio Claro tornou-se cidade. Em 1938, o município de São João Marcos foi extinto e seus distritos passaram a fazer parte de Rio Claro. Dois anos depois, os moradores de São João Marcos tiveram que sair da cidade, para dar lugar à represa do Ribeirão das Lages, construída pela concessionária de energia elétrica. Em 1943, houve uma mudança e Rio Claro passou a se chamar Itaverá. Seu antigo nome seria restabelecido apenas em 1956.

Durante a primeira metade do século XX, o crescimento urbano do município esteve relacionado ao tráfego ferroviário. A partir de 1950, a pavimentação da rodovia de acesso a Angra dos Reis incentivaria o crescimento da região.

Aos poucos, a cidade foi se modernizando, com a construção de estradas pavimentadas, implantação dos serviços de saneamento básico, iluminação e melhorias em geral. Surgiram escolas, hospitais e edifícios públicos.

Esse desenvolvimento urbano estendeu-se a Lídice, Getulândia e Passa Três. A proximidade com Angra dos Reis, a ligação com Volta Redonda e o turismo na represa do Ribeirão das Lages favoreceram o crescimento acentuado do município.

Na década de 60, a economia de Rio Claro estava baseada na indústria têxtil, de minerais e de bebidas, formada por pequenos estabelecimentos. A cidade era tranquila e tinha boa qualidade de vida, mas ainda não havia empregos suficientes.

Em 1970 foi criado o Distrito Industrial de Rio Claro, que hoje ocupa uma área de 11 milhões de metros quadrados. Possui excelente infraestrutura, com rede de água e esgoto, pavimentação, energia elétrica e telefonia.

O distrito abriga grandes indústrias, como as de produção de fibras de vidro, tubos e conexões de PVC, químicos leves, cabos para a indústria, balas e caramelos, peças de automóveis, estamparias, agroavícolas e de nutrição de animais.

Além disso, foi implantada no município uma incubadora industrial que visa ampliar o desenvolvimento de micro e pequenas empresas, gerar novos empregos e aquecer a economia da região. Rio Claro mantém-se uma cidade aberta a investimentos financeiros e com grande potencial de crescimento.

CULTURA

O sítio histórico de São João Marcos tem grande valor para o município. Esse distrito foi extinto na

década de 30 para a formação da Represa do Ribeirão das Lages. Como ficava acima do nível das águas represadas, o local não foi submerso para construção da represa. As ruínas mostram o que restou das construções seculares demolidas em 1939.

Muito bem preservada, a sede da fazenda São Joaquim da Grama é um dos pontos culturais da cidade. Construída pelo comendador Joaquim José de Souza Breves no período de opulência do município, abrigava luxo e beleza. Ali se reuniam as famílias mais importantes da produção de café do século XIX. É ricamente decorada, e contém um grande acervo de obras de arte. O comendador Breves possuía mais de 6 mil escravos em suas propriedades. Situada nas montanhas e cercada pela Mata Atlântica e por jardins e pomares, a fazenda São Joaquim da Grama era tão grande, que, somada às moradias do entorno, parecia um povoado.

TURISMO

Localizada na região da Costa Verde do estado do Rio de Janeiro, Rio Claro possui várias atrações para os turistas. Destacam-se as trilhas pela Mata Atlântica, onde é possível observar a grande variedade da fauna e flora, em um ambiente propício ao ecoturismo.

No distrito de Lídice, o turista encontra cachoeiras e rios, corredeiras, quedas que atraem visitantes nacionais e estrangeiros para a prática de rafting.

A represa do Ribeirão das Lages é um atrativo à parte em Rio Claro. Essa reserva ecológica possui diversas trilhas que podem ser percorridas a pé, e encanta a todos com a fauna e flora exuberantes da região. Próximo à represa, em São João Marcos, o turista encontra as ruínas seculares do sítio histórico. Quando o nível da represa baixa, pode-se apreciar a Ponte Bela. Segundo consta, d. Pedro I teria passado pelo local a caminho de São Paulo, onde proclamaria a Independência, em 1822. Esse é o único trecho preservado da Estrada Real de Santa Cruz, aberta em 1728.

O turista também pode adquirir o artesanato rio-clarense, que inclui trabalhos em madeira, couro, vela e louça, além de utensílios em barro e tecelagem feita em teares rústicos. A culinária local oferece pratos com frutos do mar e uma variedade de frutas tropicais.

Arte e história nas



Consagrada pela Unesco como o mais harmonioso conjunto arquitetônico do século 18 no Brasil, Paraty ainda vive à margem do tempo. Com mais de 400 monumentos religiosos, militares e civis, criados na típica arquitetura dos ricos senhores maçons, a cidade se destaca pela planta baixa em forma de meia-lua. Os três cunhais, ou colunas, formam o símbolo maçônico do triângulo, presente em sobrados, ruas, monumentos e esquinas.

ORIGEM

A bela cidade, que começou a se modernizar em 1726, com a engenharia militar da época, foi fundada em 1597 ao redor da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira do município.

O povoado cresceu numa região privilegiada, entre o mar e a montanha, e assumiu grande importância para os comboios que faziam o comércio de cana-de-açúcar. Esse movimento e a proximidade

com o mar favoreciam também o transporte de ouro aos barcos que iam para Portugal. Paraty foi elevada à categoria de vila por um artigo da carta régia de 28 de fevereiro de 1667, e comemora seus 342 anos de emancipação.

A cidade era rica e próspera, repleta de comerciantes que estabeleceram grandes propriedades na vila. Dos tempos áureos, restam o rico casario colonial e a velha entrada da cidade, conhecida

ruas da cidade



A Igreja de Santa Rita se destaca na paisagem do porto

Divulgação Turismo

ISOLAMENTO

Com a perda do movimento no porto e a redução do número de comerciantes na cidade, Paraty sofre um baque econômico e social, isolando-se do restante da colônia. A decadência é inevitável. Muitas pessoas se mudam para áreas mais prósperas e comerciáveis. Os remanescentes ainda lutam pela lavoura local e pela economia artesanal.

Com o passar do tempo, Paraty recebe mais um estímulo e, no século 19, revive os tempos de opulência. Um novo produto reaquece a economia da região. Era o início do Ciclo do Café. O dinheiro volta a circular e os comerciantes trazem a prosperidade tão esperada.

O ano de 1870 marca o início de uma queda que duraria bastante. Foi inaugurada uma ferrovia ligando o Rio de Janeiro a São Paulo pelo Vale do Paraíba. Com isso, a antiga trilha para o escoamento do ouro deixa de ser usada.

A assinatura da Lei Áurea, abolindo a escravidão em 1888, provoca um novo tipo de isolamento na região. Muitos ex-escravos decidem abandonar o lugar, bem como os ricos comerciantes, provocando um êxodo sem igual. Em 1851, havia 16 mil habitantes, e, no fim do século 19, somente cerca de 600 velhos, mulheres e crianças.

REDESCOBERTA

Afastada do Rio de Janeiro, Paraty sofreu economicamente, mas esse isolamento favoreceu a preservação do meio ambiente e das construções coloniais, hoje Patrimônio Histórico.

A região recebe um novo impulso com a construção da rodovia Rio-Santos e da estrada Paraty-Cunha, no início dos anos 80. A cidade passa a ser visitada por turistas, que descobrem o grande acervo arquitetônico e as belezas naturais da vegetação nativa e das praias cristalinas.

Situada numa posição estratégica entre Rio de Janeiro e São Paulo, a cidade convide o visitante a voltar no tempo, com suas pousadas instaladas em casas seculares, e a desfrutar do verde intocado de sua floresta tropical.

PRESERVAÇÃO

O município está localizado no Parque Nacional da Serra da Bocaina, área de preser-

vação ambiental que possui uma das maiores amostras de Mata Atlântica no Brasil.

A floresta nativa que cerca a cidade ainda tem sua fauna preservada. Nas matas é possível encontrar espécies de capivaras, lontras, tamanduás e quatis. A exuberante flora local inclui belas orquídeas, samambaias de vários tamanhos e as inconfundíveis bromélias. Estudiosos de todo o mundo chegam a Paraty para estudar seu rico ecossistema. A região é referência para estudos ecológicos.

Com características únicas, a cidade conta mais de 300 anos de história em suas ruas de pedra, monumentos, museus, e conserva intactos seus usos e costumes, tradições, festas religiosas, artesanato e comidas típicas. Paraty respira arte, história e cultura.

ECONOMIA

O turismo é hoje a principal fonte de renda de Paraty, mas o município também é famoso pela produção de cestas, artesanato em madeira, tecidos e cachaça. As técnicas de cestaria foram herdadas dos índios da região. Com a utilização de fibras vegetais como taquara, palha de coco, taboa, cipó e bambu, são confeccionados cestas, balaies, esteiras, tapetes e capas de garrafa. Toda a produção é vendida em lojas e feiras locais.

De remos a objetos para decoração, o artesanato em madeira é rico e criativo. Os moradores produzem ornamentos religiosos, como altares, imagens sacras e oratórios, além de utensílios domésticos, peças para barcos e brinquedos.

O isolamento da cidade aumentou a necessidade de se aproveitarem retalhos de tecidos para confeccionar colchas, almofadas, tapetes e cortinas. Surgiu então uma nova fonte de renda para as mulheres de Paraty. Hoje esse tipo de artesanato é muito procurado pelos visitantes.

A cachaça é uma herança dos antigos engenhos de cana coloniais. Alguns alambiques sobreviveram ao tempo e às dificuldades e permanecem ativos.

A bebida já teve grande importância socioeconômica na região. Até meados do século 20, a cachaça Paraty era considerada uma aguardente de boa qualidade em todo o país. Fabricada há mais de 300 anos, a bebida tradicional é comemorada num festival que acontece desde 1983.

Paraíso entre o mar e a montanha

Situada estrategicamente entre Rio de Janeiro e São Paulo, Angra dos Reis possui cerca de 365 ilhas paradisíacas e mais de duas mil praias de águas transparentes, cercadas pela Mata Atlântica. Local propício à prática de esportes aquáticos e trilhas na floresta tropical, a cidade se orgulha de ser uma das mais antigas do Brasil, com sítios históricos bem preservados.

COLONIZAÇÃO

Angra é uma pequena baía ou enseada junto a encostas elevadas. Foi exatamente isso que viram os descobridores que la aportaram 6 de janeiro de 1502, dia de Reis. O navegador Gonçalo Coelho ficou encantado com a beleza do lugar e batizou sua descoberta de Angra dos Reis. A região era habitada pelos índios goianas, que permaneceram em paz por muitos anos, ocupando o litoral e a enseada da Ilha Grande.

Os colonizadores começaram a chegar somente em 1556, construindo um povoamento numa enseada conhecida, atualmente, como Vila Velha, em frente à ilha da Jiboia. Os colonos praticavam caça, pesca e cultivavam a lavoura de subsistência. Na época, a Ilha Grande, rica em madeira de lei, continuava habitada somente pelos indígenas. Ainda não conhecia o homem branco.

Como estava localizada entre duas importantes capitânicas, a de São Vicente e a de São Sebastião do Rio de Janeiro, Angra dos Reis transformou-se num importante entreposto comercial. Era parada obrigatória na rota marítima que fazia a ligação entre as duas cidades. Angra foi prosperando com o movimento de navios e comerciantes na região. Em 1608, foi elevada à categoria de vila, passando a se chamar vila dos Reis Magos da Ilha Grande.

Como todos os povoados da Costa Verde, a vila sofria forte influência da Igreja Católica. Quando, em 1617, o padre responsável pela capela local foi assassinado, os colonos resolveram sair do local. Em 1624, sob o comando do capitão-mor da capitania de São Vicente, a localidade de Vila Velha foi abandonada, e o povoado, transferido para onde hoje fica Angra dos Reis, o mesmo local em que fora fundada a Casa Conventual das Carmelitas, em 1593.

Já no ano seguinte à mudança, 1625, teve início a construção da igreja matriz da vila, que só terminou em 1750. A imagem da padroeira do lugar, Nossa Senhora da Conceição, foi tomada de um navio encalhado nas redondezas de Angra.

Os primeiros tempos da nova vila foram marcados por lutas constantes com os índios tupinambás, que não pretendiam ceder território aos colonos. A costa do município também era atacada por piratas em busca do ouro da Coroa portuguesa. Muitos navios se escondiam nas enseadas da Ilha Grande, que era um abrigo natural.

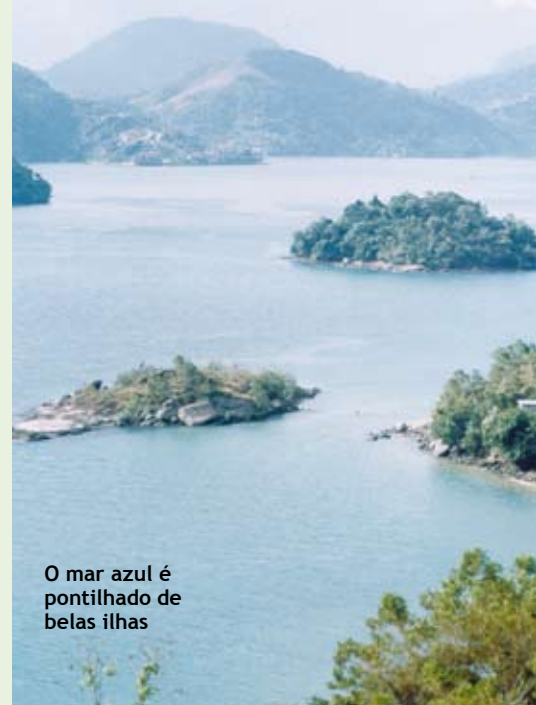
A vila continuava a prosperar e, em 1728, começou a ser construído o Caminho Novo, uma estrada ligando o interior de Minas Gerais ao Rio de Janeiro. Este trajeto, que levava a Angra dos Reis através de Lídice e Rio Claro, contribuiu para o progresso da região, mas o desenvolvimento urbano só aconteceria no século XIX, quando o porto de Angra torna-se um dos mais importantes para o tráfico de escravos e a exportação de café.

O OURO VERDE

Por volta de 1782, o café chegou a Angra dos Reis e Paraty. As terras férteis da região eram adequadas à cultura do produto, que mudaria a história do lugar. As plantações foram tomando conta da paisagem. Fazendas surgiam, estradas eram abertas e o porto tinha grande movimento. O café passou a ser exportado para a Europa através de Portugal. O chamado ouro verde logo enriqueceria muitos homens. A cidade foi se modernizando impulsionada pelo crescimento financeiro e social. Igrejas, bibliotecas, teatros, lojas e mansões foram construídas no mais alto padrão, com o luxo que a região exigia. Angra dos Reis enriqueceu tanto, que o governo imperial chegou a considerar a mudança da sede da província do Rio de Janeiro para o local. Mas Niterói acabou sendo a escolhida no ano de 1834.

Entre os grandes produtores de café do Império nascidos nesta região, destaca-se o comendador Joaquim José de Souza Breves. Conhecido no Brasil inteiro como o Rei do Café, possuía 37 fazendas, 27 chácaras e seis mil escravos.

O comendador instalou uma grande fazenda na restinga da Marambaia, com porto particular para chegada dos veleiros de escravos e exportação de café. Apesar do grande número de cativos, suas atividades representavam muitos empregos diretos e indiretos ligados à cafeicultura, e, com grande prestígio no governo, influenciava a política local. Em 1822, por ocasião da passagem do príncipe d. Pedro I por São João Marcos, o jovem Joaquim incorporou-se à comitiva que ia para São Paulo proclamar a Independência do Brasil.



O mar azul é pontilhado de belas ilhas

O município de Angra e suas paróquias viveram tempos áureos proporcionados pelo café. A vila histórica de Mambucaba alcançou grande prosperidade e chegou a possuir um teatro.

Angra dos Reis tornou-se cidade em 1835. A Santa Casa de Misericórdia foi construída no ano seguinte para atender casos de tifo, malária e febre amarela. Em 1871, surgiu o Paço Municipal (atual prefeitura) e, em 1860, começou a circular o primeiro jornal semanal. Remanescentes desse período de riquezas, vemos os grandes sobrados e a antiga cadeia da cidade, hoje Câmara Municipal.

DECADÊNCIA

O Ciclo do Café não manteria a economia estável por muito tempo. Depois de 1820, o movimento de navios no porto de Angra começa a diminuir. A inauguração da Estrada da Polícia, ligando o Vale do Paraíba ao Rio de Janeiro, abria mais um caminho para escoamento da produção cafeeira, e outras estradas seriam abertas com o passar dos anos, facilitando o acesso das fazendas aos grandes centros urbanos e eliminando a necessidade de se usar o porto de Angra.

A proibição do tráfico de escravos em 1850 traria grandes prejuízos ao município. Assim como Paraty, Angra lucrava muito com a compra e venda de escravos na região. Em 1866, a inauguração da estrada de ferro aproximando as capitais pela Serra do Mar representou mais um golpe na economia local. A linha férrea oferecia preços mais baixos para o transporte de café do que os dos navios.

No entanto, o que mais afetaria Angra dos Reis, bem como os demais municípios da Costa Verde, seria a abolição, em 13 de maio de 1888. Com o fim da escravidão, o porto de Angra foi desativado, transferindo todo o serviço para o porto de Santos e levando a cidade ao abandono. Sem a mão de obra escrava, fazendas faliram, após o êxodo em massa dos negros.

Já com idade avançada e enfermo, o comendador Joaquim José de Souza Breves perde, então,



Divulgação Turismo

seu séquito de mais de seis mil escravos, suas fazendas param de produzir e as plantações existentes são deixadas de lado. Após sua morte, em 1889, os descendentes vendem as propriedades, colocando um ponto final na riqueza proporcionada pelo ouro verde. A cidade entra em decadência. As famílias se mudam, deixando os sobrados vazios. O comércio fecha as portas. Até o Convento de São Bernardino do Sena, do século XVIII, sofre com a decadência da região.

CRESCIMENTO INDUSTRIAL

O século XX trouxe a retomada do crescimento na região e novos rumos econômicos para a cidade.

A instalação do Arsenal de Marinha acentuaria esse movimento. Em 1911, teve início a construção do Colégio Naval na enseada da Tapera, logo denominada enseada Batista das Neves. A ideia partiu do general Honório de Souza Lima, que, aproveitando seu prestígio com o presidente Hermes da Fonseca, convenceu-o a aceitar a doação de um terreno para a edificação de uma escola militar. A obra foi concluída em 1914 e a Escola Naval funcionou ali até 1920.

Com a transferência da escola para o Rio de Janeiro, passou a ocupar suas instalações a Escola de Grumetes Almirante Batista das Neves. Em 25 de fevereiro de 1949, foi criado o atual Colégio Naval, instituição de ensino que prepara e capacita jovens para a Marinha do Brasil.

A privilegiada posição geográfica da baía, com águas profundas e protegidas por diversas ilhas, e a proximidade com a fonte de matéria-prima, Volta Redonda, foram decisivas na escolha da cidade. Um grupo holandês iniciou, então, a construção dos estaleiros Verolme na pequena planície de Jacuecanga, em 1959. Em poucos anos, haveria uma grande transformação. Cerca de quatro mil operários foram recrutados para a construção do estaleiro, além de ter início um grande movimento de trabalhadores nos setores secundário e terciário.

Um novo impulso viria em 1972, com o início da construção da Usina Nuclear de Angra 1, que só entraria em operação comercial em 1985. Além de gerar novos empregos, começou a produzir cerca de 40 milhões de MWh de energia, consumo aproximado de 20 milhões de habitantes durante um ano. A implantação do Terminal Petrolífero da Baía da Ilha Grande, entre 1974 e 1979, ajuda a redefinir os espaços de crescimento de Angra dos Reis. Milhares de migrantes chegam em busca de trabalho, aquecendo a economia local e levando à expansão da cidade.

As atividades econômicas de Angra giram hoje em torno da pesca e das atividades portuárias, que incluem o terminal petrolífero, as usinas Angra I e Angra II, comércio e serviços, e indústria naval, por meio do estaleiro Keppel Fels, antigo Verolme. O turismo, é claro, tem lugar de destaque, em razão das belas praias e ilhas paradisíacas.

A cidade possui um rico acervo histórico, com diversos prédios tombados pelo Patrimônio Histórico. Sobrados coloniais e igrejas, como a de Santa Luzia e a Matriz de Nossa Senhora da Conceição, os conventos de São Bernardino e do Carmo, este de 1598, são algumas dessas reliquias, além da Igreja de Nossa Senhora da Lapa, de 1752, onde funciona um museu de arte sacra com riquíssimo acervo.

TURISMO

De grande importância para a região, a rodovia Rio-Santos, construída na década de 70, impulsionou de vez o turismo em Angra dos Reis. Ligando a cidade a duas importantes capitais, Rio de Janeiro e São Paulo, favoreceu a implantação de uma infraestrutura capaz de atrair visitantes do mundo inteiro.

Angra dos Reis é considerada um paraíso no Rio de Janeiro. As centenas de ilhas cercadas de praias de areias brancas são um convite para desfrutar o sol e o mar. A diversidade da fauna e da flora marinha é um convite para os esportes subaquáticos. Dezenas de cachoeiras de águas cristalinas, tendo ao fundo a floresta nativa ainda intocada, são perfeitas para o ecoturismo.

Hotéis com categoria internacional convidam o visitante a desfrutar os prazeres do lugar, com dezenas de atividades de lazer. Os restaurantes servem deliciosos frutos do mar, um destaque da culinária do município. Angra dispõe, ainda, de uma intensa vida noturna, com clubes e boates que apresentam shows variados.

ECOTURISMO

Angra dos Reis é o lugar ideal para quem procura desfrutar a vida ao ar livre, fazer turismo de aventura e mergulhar nas profundezas do mar azul. Existem opções para todos os gostos. Trilhas na Mata Atlântica, cavernas, montanhas, praias quase desertas, cachoeiras e cânions. As ilhas paradisíacas são uma atração imperdível.

Ilha Grande

A maior ilha da baía de Angra dos Reis possui encantos naturais de tirar o fôlego. O acesso à Ilha Grande é feito por barcos e lanchas que partem do litoral várias vezes ao dia, levando poucos minutos.

Muitas praias só podem ser alcançadas por trilhas ou de barco. O núcleo urbano se concentra na Vila do Abraão, onde ficam as pousadas, restaurantes e o comércio em geral. Além das belezas naturais, a Ilha Grande possui alguns sítios históricos.

Ilha da Gipoia

Localizada a 35 minutos do Centro de Angra dos Reis, o acesso à ilha da Gipoia é através de barcos alugados ou escunas. Uma das mais procuradas da região, com boa infraestrutura, possui restaurantes, bares e quiosques. Conta com uma variada programação capaz de agradar a todos os gostos. Oferece passeios por terra e mar, e quase todas as praias são de águas calmas.

Ilha de Cataguases

É muito movimentada, principalmente no verão e em feriados prolongados. Localizada a menos de 500 metros do continente, fica a cinco minutos de lancha do Centro de Angra. A ilha é muito procurada para passeios de saveiro e escuna.

O mar azul de águas transparentes é um convite para o mergulho ou apenas para fugir do calor. A areia das praias é muito branca e reflete o verde da natureza em volta. A beleza exuberante do lugar já foi cenário de filmes, comerciais e novelas. As pitangueiras são o destaque do lugar, que possui restaurantes e quiosques e recebe visitantes de diversos países.

Ilha de Itanhangá

Localizada a dez minutos do Centro de Angra, esta ilha é famosa pelas festas dos artistas. Além da intensa vida noturna, é ótima para caminhada, mergulho, canoagem e escalada – há um monte de cerca de cem metros de altura. A vista é deslumbrante. Barcos particulares chegam ao lugar diariamente, trazendo visitantes para degustar a famosa moqueca nos restaurantes da ilha. Existem chalés rústicos para quem pretende passar uma noite tranquila.

Ilha dos Porcos

Uma das maiores ilhas da baía, menor apenas que Ilha Grande e Gipoia, é uma das mais bonitas da região. Famosa por ser a residência do renomado cirurgião plástico Ivo Pitanguy, abriga um verdadeiro spa, em pleno contato com a natureza, além de zoológico e pista de pouso.

Ilha de Paquetá

O acesso a esta ilha é feito apenas de barco. A dez minutos do Centro de Angra, possui diversos programas para os visitantes, com suas praias de águas calmas e brisa suave. A culinária nativa é impecável e os restaurantes servem peixes pescados na hora. É uma das ilhas mais disputadas na alta temporada.

Ilhas Botinas

Essas duas ilhas são tão parecidas, que ficaram conhecidas como ilhas Gêmeas. A quinze minutos de barco de Angra, possuem diversos atrativos naturais, como águas transparentes ideais para mergulho, com profundidade de cerca de dez metros. As ilhas têm o formato de um par de sapatos. Conta a lenda da região que eram apenas uma e teriam sido separadas ao meio pela passagem de um navio pirata.



Dra. Andrea Di Gioia
Fonoaudióloga
CRF nº 1º 2694

Di Gioia

- Voz
- Motricidade orofacial
- Linguagem
- Psicomotricidade
- Psicopedagogia



TERAPIAS FONOAUDIOLÓGICAS

ELETROMIOGRAFIA DE SUPERFÍCIE

*Aparelho que analisa os
músculos superficiais da face
e auxilia no diagnóstico de
deglutição atípica e disfagia*



Nosso objetivo é fazer o diagnóstico em crianças a partir de 3 anos com problemas na fala para minimizar transtornos psicológicos e sociais

Rua Xavier da Silveira, 45 sala 1108 – Copacabana

Tel.: (21) 2521-6044

Rua Almirante Cochrane, 214 – Tijuca

Tel.: (21) 2568-4090

Rio de Janeiro

MANGARATIBA

Estrada Imperial

Com 40 km de extensão, liga Mangaratiba a Rio Claro pela Serra do Piloto. Construída por d. Pedro II, em 1857, é considerada a primeira estrada de rodagem do país. A Estrada Imperial surgiu para facilitar o transporte da produção de café do Vale do Paraíba ao porto de Mangaratiba.

O Bebedouro da Barreira, as pedras de milha, o sistema de escoamento de águas pluviais e a Cachoeira dos Escravos são algumas das relíquias da região. O visitante também pode apreciar a beleza da baía de Mangaratiba.

Atravessando a Mata Atlântica nativa, a estrada é ideal para caminhadas e para a prática de *bicicross*. Acesso pela RJ-149 (Mangaratiba-Rio Claro), começando logo após o trevo com a BR-101 (Rio-Santos), na Serra do Piloto.

Bebedouro da Barreira

Construído para dar água aos animais que vinham pela serra até Mangaratiba, o bebedouro foi tombado pelo Patrimônio Histórico. Diz-se que d. Pedro II parou no local para dar de beber ao seu cavalo, quando participou da inauguração da Estrada Imperial. Estrada de São João Marcos, s/nº, Serra do Piloto.

Cruzeiro de pedra

Trazido de Portugal no ano de 1700 e inaugurado em 1885, é o marco de formação da cidade de Mangaratiba. É o cruzeiro do antigo cemitério para onde a cidade se mudou no século XVII. Localizado em frente à Igreja de Nossa Senhora da Guia no município de Mangaratiba. Praça Robert Simões, s/nº, Centro.

Estação ferroviária de Itacuruçá

Estação da estrada de ferro inaugurada em 1911, onde hoje funciona o Centro Ferroviário de Cultura de Itacuruçá (CEFEC). Centro, Itacuruçá.

Ruínas da antiga cidade de São João Marcos

Ruínas da antiga cidade e cemitério, que foram inundados para dar lugar ao açude da companhia de energia que atende o município. RJ-149, Serra do Piloto.

Antigo teatro

Edifício de linhas simples da primeira metade do século XIX, o teatro foi construído pelos barões do café no período áureo do município. O ator João Caetano teria encenado algumas peças no local entre 1833 e 1834. RJ-149, antiga Estrada Imperial, Serra do Piloto.

Divulgação Turismo



Marina na baía de Itacuruçá

Porto do Sahy

Propriedade particular do barão de Sahy, um rico fazendeiro de café. A construção abrigava o porto, com seus trapiches, uma senzala e, mais afastada, a casa do barão. Acesso pela antiga RJ-14, sentido Mangaratiba-Itacuruçá. Praias do Saí e do Saizinho, Itacuruçá.

CENTROS CULTURAIS

Solar do Barão de Sahy

Construção de meados do século XIX em estilo neoclássico. Restaurado e hoje totalmente recuperado, tornou-se um espaço cultural com sala de vídeo, sala para exposições e centro de artesanato. Rua Coronel Moreira da Silva, 173, Centro.

Centro Cultural Cary Cavalcanti

Esse edifício do século XIX possui uma infraestrutura com teatro, galeria de exposições e salas especiais em que são oferecidos cursos de artes, artesanato, maquiagem e outros. Rua Expedicionário Adalberto Aires de Pinho, s/nº, Centro.

Biblioteca Municipal Ary Parreiras

Praça Robert Simões, Centro.

ROTEIRO ESPIRITUAL

Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Jacaré

Construção rústica, de linhas simples e despojadas. Praia de Conceição de Jacaré.

Igreja de Nossa Senhora das Dores

Foi fundada em 29 de março de 1760, com o nome de Nossa Senhora da Conceição, por

Francisco José dos Santos, tornando-se de Nossa Senhora das Dores em 1776. Ilha de Marambaia.

Igreja de Nossa Senhora de Sant'Ana

Tombada pelo Patrimônio Histórico Estadual, a capela curada foi levantada antes de 1698. Em 1846, foi criada a paróquia de Nossa Senhora de Sant'Ana de Itacuruçá, ao se separar da matriz de Mangaratiba. Praça Padre Luiz Quattropanni, s/nº, Centro, Itacuruçá.

Igreja de São João Marcos

Construção rústica, erguida à mão por Antônio Padre, com material transportado em lombo de animais, o edifício foi feito, basicamente, de barro, cinza e tabatinga. No local, encontra-se o cruzeiro colonial do antigo povoado de São João Marcos. RJ-149, Serra do Piloto, São João Marcos.

Igreja de São Pedro

Situada junto à praia e cercada de densa vegetação, a igreja foi construída em 1884. Uma capela de linhas simples, com telhas francesas e, no interior, um pequeno coro revestido de pinho de riga. Acesso somente de barco pela praia do Catita/Canto, ilha de Jaguanum, Itacuruçá.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Guia

Com sua fachada frontal e torre sineira revestidas de azulejos portugueses, a capela-mor possui forro de madeira, com abóbada de berço, lustre de prata em baixo relevo e imagem de Nossa Senhora da Guia em madeira, em estilo do final do barroco e início do rococó. Praça Robert Simões, s/nº, Centro, Mangaratiba.



Arquivo Prefeitura de Itaguaí



Teatro no Centro de Itaguaí

ITAGUAÍ

Escola de Música Y-tinga

É uma escola pública, referência em todo o estado na educação musical de adolescentes e crianças.

PONTOS TURÍSTICOS

Baía de Sepetiba

Protegida pela restinga da Marambaia, baía três municípios: o da capital do Estado, o de Itaguaí e o de Mangaratiba. Os pontos importantes na área pertencente a Itaguaí são o terminal portuário, as ilhas da Madeira, do Gato, dos Ingleses e do Martins, e a praia da Bica, na ilha de Itacuruçá.

Ilha do Martins

Localizada ao norte da baía de Sepetiba, fica próximo de outras ilhas importantes na região, como Itacuruçá, da Madeira, das Cabras, do Gado e das Ostras. A ilha possui dois trechos mais elevados e três belas praias, do Funil, em que aportam os saveiros de turismo, do Brás e do Meio.

Cachoeira do Itingussú

Na divisa dos municípios de Itaguaí e Mangaratiba, na BR-101. Com saltos de mais de 50 m de altura, formando cachoeiras, duchas e piscinas naturais, também é conhecida como Poço da Sereia. Fica na barragem de Itingussú, reservatório com mais de 500 mil litros de água.

Cachoeira Itimirim

Possui dois saltos com 50 m de altura. As quedas do rio formam cachoeiras, duchas e piscinas naturais. Rodovia Rio-Santos, Itimirim.

Igreja Matriz de São Francisco Xavier

Foi fundada pelos jesuítas, em 1718, no alto de uma colina. Além da igreja, há o Patrona-

to São José e um cemitério, com ricos e antigos mausoléus de mármore. Praça da Aclamação, Centro.

Chafariz

Inaugurado em 1847, fica na antiga Estrada Geral, que fazia parte do caminho para São Paulo.

PARATY

Caminho do ouro

Nos séculos XVII e XVIII, a passagem ligava Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, no chamado Ciclo do Ouro. A estrada foi construída pelos escravos aproveitando trilhas dos índios guaianás, que habitavam a região. Cortando boa parte do Parque Nacional da Serra da Bocaina, a estradinha ainda está bem conservada, exibindo pedras centenárias e a exuberância da Mata Atlântica. O visitante pode conhecer um pouco da cultura e da história local em ateliês, alambiques e restaurantes de culinária típica.

Exposição "O Caminho do Ouro em Paraty"

O caminho é retratado desde antes da chegada do homem branco, quando era utilizado pelos índios guaianás, passando pela época em que servia de via de transporte para o ouro retirado das Minas Gerais e chegando aos dias atuais. Fazem parte do acervo mapas, painéis dos pintores Rugendas e Thomas Ender, e bonecos em miniatura que reproduzem com fidelidade os costumes dos viajantes que por lá passaram em diversas épocas, além de reproduções das vendas de meio de estrada, com seus mantimentos e utensílios. Teatro Espaço, rua Dona Geralda, 327.

Casas tombadas do Centro

Teatro

Essa mostra reúne, anualmente, atores de máscaras e gestos na cidade de Paraty e conquista a todos com sua mágica de faz de conta. O teatro local apresenta espetáculos permanentes, como o do grupo Contadores de Estórias. Os atores dão vida a bonecos de pano e espuma em diversas atuações. As apresentações acontecem às quartas e sábados. Teatro Espaço, rua Dona Geralda, 327.

LITERATURA

FLIP e OFF FLIP

A Festa Literária Internacional (FLIP) e o Circuito Paralelo de Idéias, (OFF FLIP) _ acontecem anualmente. Participam do evento escritores do Brasil e exterior. A sede fica na rua Dr. Samuel Costa, esquina com a rua do Comércio, Centro Histórico.

FESTAS RELIGIOSAS

Festa do Divino

Esta festa acontece 50 dias após o domingo de Páscoa. A pomba, símbolo do Divino Espírito Santo, aparece nas bandeiras vermelhas que se espalham ao longo da cidade histórica. Durante dez dias, Paraty faz um mergulho espiritual, com missas em diversas igrejas, procissões acompanhadas por bandas de música e danças típicas.

Semana Santa

O ponto alto da festa é a procissão da Ressurreição no Domingo de Ramos, 40 dias após o carnaval. Na sexta-feira à meia-noite, acontece a procissão do Fogaréu, em que os moradores apagam as luzes da cidade



Divulgação Turismo

Divulgação Turismo



Histórico de Paraty

e os fiéis marcham pelas ruas com tochas acesas. Eles partem da Matriz e passam por várias outras igrejas no caminho. Seguindo a tradição local, no sábado tem lugar a procissão dos Seis Passos, única ocasião do ano em que os altares seculares nas paredes das residências são abertos para oração e reverência.

Procissão de Corpus Christi

Acontece em maio ou junho, e dura apenas um dia. Tradicionalmente, os fiéis confeccionam belíssimos tapetes feitos de serragem colorida e folhas secas, com imagens de Cristo, a bandeira brasileira e cenas sacras. A procissão percorre várias ruas da cidade.

Festa de São Pedro

O dia do santo é comemorado em 29 de junho, na Igreja de São Pedro, na ilha do Araújo. Padroeiro dos pescadores, é muito reverenciado na região. A procissão atrai muitos fiéis de outras cidades, que acompanham a imagem do santo em pequenas embarcações enfeitadas para a ocasião. Ao longo do trajeto, são entoados cânticos e ladainhas. Depois das missas, música e dança, além de comidas típicas, animam a festa que dura à noite toda.

Festa de Santa Rita

Essa festa religiosa é uma das mais tradicionais na cidade, realizada desde 1722, quando foi inaugurada a Igreja de Santa Rita. Tem início na última semana de julho e dura dez dias. Os fiéis enfeitam o interior da igreja, onde acontecem missas diárias, e as casas antigas recebem toalhas e flores nas janelas.

Montanhas do município de Rio Claro

Festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário

Considerada a festa do Divino dos negros da região, teve início na igreja que abrigava os negros, em homenagem ao padroeiro São Benedito. Com o passar dos anos, começou a ser apreciada por todos. É celebrada no terceiro domingo de dezembro.

Festa de Nossa Senhora dos Remédios

Padroeira da cidade de Paraty, Nossa Senhora dos Remédios recebe uma homenagem, sem muita pompa, no dia 8 de setembro. Durante a festa, as famílias colocam suas relíquias sacras nas sacadas das janelas, e à tarde sai a procissão da santa da Igreja da Matriz, que percorre todo o Centro Histórico.

RIO CLARO

Monumento à aldeia de Lídice

Esta construção de 1944 é uma homenagem à aldeia de Lídice, na Tchecoslováquia, que foi destruída na Segunda Guerra Mundial. Toda em granito, com cerca de cinco metros, possui no topo uma fênix. A ave, que renasce das cinzas, simboliza a paz entre as nações. Rua Padre Ezequiel, distrito de Lídice.

Ponte Bela

Construída em 1855 sobre o Ribeirão das Lajes, para escoamento da produção cafeeira do município. Localizada no distrito de São João Marcos, possui 13 m de vão e fica parcialmente submersa durante certo período do ano.

Fazenda Sant'Anna

Fica na estrada do Rio do Braço, distrito de Lídice. Residência oficial da família Portugal, foi

construída em 1821. O casarão possui seis salas e 18 quartos. O terreno abriga uma capela, senzala, engenhos de café e de aguardente, além de moinhos de fubá e um cemitério.

Fazenda de São Joaquim da Gramma

Em estilo colonial, esta belíssima residência foi construída pelo comendador Joaquim José de Souza Breves e hospedou d. Pedro II. Próximo à entrada lateral, há um marco com o brasão imperial. Atualmente, encontra-se loteada, com casas de veraneio. Estrada da Fazenda da Gramma, s/nº, RJ-139, distrito de Passa Três.

Casa da Fazenda Morro Alegre

Localizada na estrada Fazenda Morro Alegre, é uma construção do século XIX, em estilo neoclássico.

Hospedaria de Antônio Padre

Situada no distrito de São João Marcos, encontra-se abandonada e coberta de hera.

Prédio da antiga prefeitura

Construção do século XVIII, abriga a Casa de Cultura Manoel Gonçalves de Souza Portugal e possui um rico acervo mobiliário.

Busto de Fagundes Varela

Construído, em 1940, para homenagear o poeta Luís Nicolau Fagundes Varela, que nasceu em Rio Claro. Feito em bronze, possui 50 cm de altura e fica sobre um pedestal de concreto de 1,90 m. Praça Fagundes Varela, Centro.

Capela de São Joaquim da Gramma

Localizada na fazenda da Gramma, no distrito de Passa Três, esta igreja foi construída em 1887, em estilo neoclássico e no alto de uma colina. Tombada pelo Patrimônio Histórico estadual.



Vista aérea da baía de Angra dos Reis

Igreja de Nossa Senhora da Piedade

Construção do final do século XVIII, foi feita em pedra por escravos da região. Possui uma gruta com as imagens de Nossa Senhora de Fátima e de outros santos. Praça Fagundes Varela, Centro.

Centro Cultural Ludmila Amália Batova Arambasic

Galeria de arte com pinturas a óleo de artistas tchecos. Possui um teatro de marionetes, roupas típicas tchecas e diversos documentos que retratam a história deste povo. Rodovia Saturnino Braga, km 51, distrito de Lídice.

Sociedade Cultural e Ecológica Fagundes Varela

Espaço cultural com capacidade para promover eventos musicais e de poesia. Hospedagem Refúgio das Águas, distrito de Lídice.

Centro de Artesanato de Lídice

Espaço destinado a expor o trabalho dos artesãos locais. Rua 15 de Novembro, 53, Centro.

ANGRA DOS REIS

Convento Nossa Senhora do Carmo e Capela da Ordem Terceira

Tombado pelo Patrimônio Histórico desde 1954, este convento foi construído em 1593 e remodelado em 1623. Foi residência de frades carmelitas e possui um cemitério, que abriga o corpo de Maria Isabel da Visitação Corrêa, morta em 1822. Praça General Osório (Largo do Carmo), Centro.

Igreja de Santa Luzia

Primeira igreja matriz de Angra dos Reis. Construída em 1632, foi tombada em 1954. Localizada na rua do Comércio.

Convento São Bernardino de Sena e Capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência

O edifício de 1763 foi erguido no local do antigo convento franciscano da Cachoeira. Foi usado pelos monges até 1859. A partir de 1931, passou a abrigar a Casa de Órfãos e o Liceu Primário. Em 1947, foi tombado pelo Patrimônio Histórico. Morro de Santo Antônio, Centro.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição

A construção dessa igreja teve início em 1623 e só foi concluída em 1750. Abriga a imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade. Diz-se que a imagem iria para Itanhanhém, mas teria sido tomada pelos antigos habitantes da região. Tombada em 1954.

Igreja de Nossa Senhora da Lapa

Construída por Baltazar Mendes de Araújo a partir de 1752, fica próximo à rodoviária. Abriga o Museu de Artes Sacras de Angra dos Reis.

Igreja da Ribeira

Erguida em 1772, mantém seus traços arquitetônicos originais. Localizada na enseada da Ribeira.

Casa da Cultura

O prédio, construído em 1824, foi adquirido em 1985 pela Prefeitura de Angra dos Reis. Abriga diversas exposições semanais e o Ateneu Angrense de Letras e Artes, entidade que incentiva a cultura e a preservação da história da cidade.

Edifício do Paço Municipal

Sede da administração municipal, este edifício,

erguido em 1871, passou por uma grande reforma após décadas de abandono.

Câmara dos Vereadores e antiga Cadeia Municipal

Prédio em que funcionou a única cadeia da cidade, até a década de 60. Foi erguido no final do século XIX.

Prefeitura Municipal

O prédio foi construído em meados do século XIX e tombado pelo patrimônio histórico em 1982. Além de manter suas características originais, encontra-se muito bem preservado. Fica na rua Professor Lima, em frente à praça Nilo Peçanha.

Colégio Naval

Sua construção data de 1914. Fica próximo ao centro da cidade. Localizado na estrada do Contorno, o edifício possui linhas sóbrias, de acordo com as normas da Marinha do Brasil.

Ruínas do Forte do Leme

Produto da engenharia militar de Rosalvo Mariano da Silva, foi erguido em 1911. Pertenceu ao Encouraçado do Riachuelo até 1950 e possui canhões que nunca foram utilizados.

Ruínas do Engenho Central de Brachuhy

Localizadas próximo ao Condomínio Brachuhy, estas ruínas são cercadas de manguezais. Este já foi o mais moderno engenho do Brasil, com maquinário vindo da Europa. Possui fossos subterrâneos e paredes bem espessas.

Chafariz da Carioca

Conhecido como Bica da Carioca, existe há mais de cem anos, famoso por sua fonte de água. Diz a lenda que quem bebe daquela água nunca mais deixa a cidade. De acordo com os moradores, a água era levada de charrete e comercializada porta a porta.

COLÉGIO DE GENTE FELIZ

Ampliar horizontes com ensino atual e eficiente.

Transmitir desde cedo valores como amizade, responsabilidade e respeito.

Garantir a formação e futuro dos nossos alunos, com uma educação moderna e de qualidade.

São atitudes como essas que tornam o

Colégio Palas
um lugar de
Gente Feliz.

www.textotraco.com.br



TIJUCA

São Rafael 38
2238-1910

José Higino 247 / 273
2288-5448

Conde de Bonfim 774
2570-0228

RECREIO

Av. dos Eucaliptos 90
3418-9901

Com a mesma velocidade que a Eletrobrás cresce, cresce também a sua preocupação com o meio ambiente. É por isso que as ações e projetos implantados por nós são sempre desenvolvidos de forma a causar o menor impacto ambiental. É o caso dos novos projetos de usinas hidrelétricas na Amazônia, que estarão entre as maiores geradoras de energia do mundo, causando a menor interferência possível na natureza. Porque esta é a única que não precisa notar a nossa força.



Ministério de
Minas e Energia



**Onde a Eletrobrás atua,
a natureza pode continuar
a se desenvolver.**